

## 4

### A Pesquisa de Campo: Companheiros, Companheiros...

*“O estudo exige prática.”*

Textos Judaicos

#### 4.1

##### Aplicações Metodológicas

Um dos cuidados necessários ao trabalhar com entrevistas é não transformar o pesquisador em mero porta-voz do grupo pesquisado, passando por cima de um dos passos importantes da pesquisa de campo: o estranhamento como forma de compreensão do outro.

“Os discursos são analisados como sendo exteriores aos atores que os produzem. Uma entrevista deve ser na verdade uma forma de comunicação entre duas pessoas que procuram entendimento” (Cardoso, 1986).

Devemos lembrar que o entrevistado provavelmente será guiado por uma lógica simbólica internalizada em sua linguagem e que nós não podemos cair na tentação de emprestar nossa visão para a interpretação do que foi dito, sob a justificativa de testar hipóteses ou embasar o discurso do sujeito em arcabouços teóricos pré-definidos. Por outro lado, não se deve tampouco tomar como absoluta verdade incontestável a queixa ou denúncia do grupo investigado, sob pena de cristalizarmos uma identidade negativa deste mesmo grupo, principalmente quando estamos pesquisando uma população homossexual, acabando por reforçar o binarismo que, como já vimos anteriormente, nada mais faz do que reforçar relações de poder. Por isso, acreditamos que a linguagem pode ser tomada como instrumento de construção da subjetividade do sujeito e do grupo ao qual ele pertence, não contrapondo o social a este mesmo sujeito. Com isso, podemos inferir que dois ou mais sujeitos de um mesmo grupo possam dialogar entre si através de suas respostas a nossas entrevistas e é tarefa nossa observar, neste diálogo, a recorrência e a contradição de padrões ou comportamentos, sem perder de vista que tais recorrências e contradições fazem parte de um processo de transformação social. E esta transformação pode ser capturada de forma eficiente

no método escolhido para este trabalho, através da comparação entre o público e o privado, o conflitante e o reforçador de paradigmas.

Portanto, como metodologia de trabalho de campo escolhi usar a pesquisa qualitativa baseada em entrevistas.

Dentre os vários métodos qualitativos que usam entrevista, escolhi o Método de Explicação do Discurso Subjacente (Nicolaci-da-Costa, 2007)<sup>1</sup>.

Segundo este método, a língua que falamos, quando internalizada, traduz regras e valores do grupo social pesquisado, além de explicitar possíveis conflitos subjetivos nos discursos e apontar possíveis valores presentes na construção do sujeito, já que, de acordo com Nicolaci-da-Costa aquilo que é importante para alguém sobre algum tema sempre ou assunto inevitavelmente aparece no seu discurso espontâneo sobre o mesmo.

Outra preocupação que surgiu ao longo da construção da pesquisa foi o número de participantes. Decidimos então por não estipular um número fechado de sujeitos antes do início das entrevistas, seguindo a metodologia do MEDS, que aconselha se lançar mão do chamado “ponto de saturação”: após determinadas entrevistas feitas, as informações começam a se repetir, indicando que a amostra já se completou. Através desta experiência, concluímos que o número de 6 participantes foi suficiente para obtermos os resultados esperados a fim de iniciarmos a análise dos dados obtidos.

Para entendermos melhor o uso prático deste método, podemos tomar o seguinte exemplo: se um pai afirma que ser homossexual e exercer sua paternidade não parece trazer maiores dificuldades para ele, pois antes de ter sua orientação sexual diferente da maioria, ele é pai igual a qualquer outro, mas, logo depois, este mesmo sujeito afirma ter receio de possíveis dificuldades em relação à adolescência de seu filho (e as explicações que teriam de ser dadas), temos aí uma contradição e conflito psicológico em sua fala, constatado através da análise das entrevistas.

---

<sup>1</sup>O Método de Explicação do Discurso Subjacente, de Nicolaci-da-Costa, será referido neste trabalho como MEDS.

## 4.2

### **Crêterios de sele o dos participantes**

Em fun o do critério de sele o das famílias a serem pesquisadas, recrutamos pais que tivessem filhos ainda crianças. Outros pontos em comum entre eles são os fatores geográficos, sociais e de estrutura familiar: todos são moradores do interior do Estado do Rio de Janeiro, pertencem   classe média, a maior parte mora com seus companheiros, e os (as) filhos (as) são oriundos de rela o heterossexual anterior, morando com as mães (  exce o de um casal, cujos filhos moram com eles), sendo que todos têm contato muito próximo com os (as) filhos (as).

Os motivos que nos levaram a traçar este perfil têm em conta o fato de que ao entrevistar pais com filhos naturais e com filhos adotados resultaria no prej zo da homogeneidade da amostra, já que acreditamos ser a subjetividade engendrada de uma paternidade oriunda de rela o heterossexual anterior bastante diferente - socialmente falando - de uma realidade na qual jamais houve uma configura o familiar heterossexual presente.

Porém,   de fundamental importância ressaltar que esta diferença não reside na orienta o sexual dos participantes, já que acreditamos que a sexualidade jamais passa por uma cristaliza o da identidade do sujeito e muito menos por um determinismo sexual (Grossi, 1998), já que ela se constrói diariamente. A diferença, a qual nos referimos reflete uma constru o sócio-cultural, uma vez que nossos sujeitos estão inseridos em uma sociedade heteronormativa. Para explicar melhor   interessante lembrar que a heterossexualidade   uma constru o cujo significado depende de determinados modelos culturais vigentes e seu ideal de funcionamento tende ainda, pelo menos no Brasil, a estigmatizar qualquer forma de identidade que não a sua própria. A altera o destas perspectivas culturais e suas tradi es   um processo longo e contínuo e por isso decidimos por focar apenas famílias com filhos naturais.

No caso específico dos companheiros, a co-parentalidade exercida em uma família na qual os filhos têm um referencial heterossexual e passa apenas fins de semana com o pai, parece ser diversa daquela em que os filhos jamais tiveram uma família heterossexual de origem. Explorando um pouco mais a experiência da co-parentalidade e sua distin o entre ser companheiro de um pai natural e

compartilhar uma paternidade adotiva, podemos dizer que a separação de um casal heterossexual com filhos, onde o pai assume sua homossexualidade e refaz sua vida, permite novas possibilidades nas relações familiares. Esta realidade não parece ser possível nas configurações familiares onde a co-parentalidade se dá por adoção. A diferença reside no fato de que entre os primeiros, a separação constrói uma nova ordem na parentalidade que, conseqüentemente, será seguida pelo exercício da co-parentalidade do novo companheiro. Já na co-parentalidade adotiva, nos parece que seja resulta direto da conjugalidade homossexual.

O recorte social também determinou a escolha dos informantes, já que uma família de classe média, do interior do estado do Rio de Janeiro, possivelmente terá experiências distintas da mesma configuração familiar vinda da capital. Aliás, este aspecto da pesquisa é bem interessante. Como sabemos, quase metade da população mundial vive em áreas urbanas. Os crescentes níveis de urbanização são causados pelo crescimento natural da população e pela migração da população rural para as cidades em busca de melhores condições de vida e, no caso da população homossexual, em busca de maior liberdade de expressão. Portanto, nos pareceu muito interessante a investigação das famílias homossexuais que preferiram se fixar fora da capital. Mais interessante ainda foi a investigação da co-parentalidade homossexual nestas famílias do interior. Por razões óbvias, não revelamos o nome da cidade onde foi feita nossa pesquisa.

### 4.3

#### **As Entrevistas**

As entrevistas incentivaram a livre expressão e espontaneidade dos entrevistados, sendo realizadas em local e hora de preferência destes, a fim de torná-las o mais informal possível, deixando o entrevistado tranqüilo para falar sobre o tema proposto sem gerar constrangimentos. Os participantes foram entrevistados individualmente, apenas uma única vez, raramente ultrapassando 90 minutos, sempre em locais estipulados por eles. Esta escolha é importante, uma vez que a familiaridade com o local da entrevista transmite maior confiança ao participante, oferecendo-lhe mais segurança e conforto emocional. A forma de registro dos relatos foi através de gravação em áudio, autorizada pelos entrevistados, com posterior transcrição.

O roteiro das entrevistas foi estipulado a partir de 3 entrevistas-piloto que foram fundamentais para a definição dos tópicos a serem inseridos no roteiro final, que por sua vez geraram perguntas abertas (com objetivo de conhecer os sentimentos do entrevistado a respeito do tema) e fechadas, a fim de alcançarmos aprofundamento em determinadas questões ou mesmo identificação do sujeito, como idade, ocupação profissional e quantidade de filhos.

A forma de apresentação dos resultados e das entrevistas foi feita de maneira que cada tópico abordado fosse ilustrado pela fala de alguns dos entrevistados.

### 4.3.1

#### Roteiro das Entrevistas

Ao invés de perguntas já pré-definidas, optamos por um roteiro oculto onde tópicos são listados (fruto da análise de 3 entrevistas-piloto) e, através deles, feitas perguntas semi-estruturadas, em sua maioria aberta, dando ao entrevistado maior liberdade a fim de falar o que realmente sente e, através de seu discurso, apreendermos o sentimento por trás de suas palavras. As perguntas abaixo só são feitas diretamente ao sujeito se o pesquisador realmente achar necessário.

Assim, o roteiro oculto das entrevistas feitas neste trabalho foi organizado da seguinte forma:

#### 1. Cotidiano co-parental

- Como é o cotidiano da casa?
- Como é sua relação com a mãe da criança?
- Como é a divisão de tarefas na sua casa? Por você não ser o pai, há alguma influência disto nas divisões das tarefas?
- Quem se ocupa especificamente das questões relativas à criança? Há alguma diferença? Você atribui a quê?
- Que perguntas as crianças já fizeram? Como responderam?

## 2. Co-parentalidade e desejo de paternidade:

- Já pensou em ser pai?
- Em caso afirmativo, o que o fez pensar nisso?
- Como pensa em viabilizar o processo?
- Quem participa dessa decisão?
- É um projeto seu? É do casal?
- Sendo de forma natural, que lugar a mulher ocuparia? E seu companheiro?
- Você imagina que o lugar do seu companheiro em relação a seu filho seria diferente do seu em relação ao dele?

## 3. Preconceito

- Vocês percebem alguma forma clara de preconceito?
- Em caso afirmativo, como o casal lida com isso e como esta situação é explicada à criança?
- Você percebe se há maior preconceito em seu meio social pelo fato de você não ser pai, já que seu companheiro o é, apesar de também ser homossexual?
- Existe identidade homossexual? Se o casal acha que sim, como ela é levada até à criança e como é tratada a questão do preconceito?